

**É preciso se desembaraçar do sexo –  
Notas introdutórias a uma conversa entre  
Michel Foucault e Thierry Voeltzel**  
*We must untangle ourselves from sex –  
Introductory remarks to a conversation between  
Michel Foucault and Thierry Voeltzel*

**Eder Amaral e Silva**

Professor Assistente do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas/Área de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Contato: ederamaraesilva@gmail.com.

**Heliana de Barros Conde Rodrigues**

Professora Associada do Departamento de Psicologia Social e Institucional/Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Procientista/UERJ. Contato: helianaconde@uol.com.br.

**Rosimeri de Oliveira Dias**

Professora Associada do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Procientista/UERJ. Jovem Cientista do Nosso Estado/FAPERJ. Contato: rosimeri.dias@uol.com.br.

**RESUMO:**

Os organizadores deste pequeno dossiê e tradutores do fragmento da longa conversa entre Michel Foucault e Thierry Voeltzel, datada de 1976 e publicada em 1978 no livro *Vingt ans et après*, apresentam brevemente a tradução de tal fragmento, que ganhou por título *O anti-cu*. Situam-no no cruzamento de duas séries que atravessam a produção foucaultiana e têm singular importância resistencial no contemporâneo: a série da política do anonimato e a série da crítica da sexualidade-identidade.

Palavras-chave: Foucault, Voeltzel, anonimato, sexualidade, prazeres.

## **ABSTRACT:**

*This little dossier organizers' and translators of a fragment of the long conversation between Michel Foucault e Thierry Voeltzel from 1976, published in 1978 at *Vingt ans et après*, introduce briefly the mentioned fragment named as *The anti-anus*. This text fragment is placed in the intersection of two series in Foucault's work, specially important for the contemporary resistance: the series of the politics of anonymity and the series of the critics of sexuality-identity.*

*Keywords: Foucault, Voeltzel, anonymity, sexuality, pleasures.*

## **RÉSUMÉ:**

*Les organisateurs de ce petit dossier et les traducteurs d'un fragment de la longue conversation entre Michel Foucault et Thierry Voeltzel, daté de 1976 et publié en 1978 dans le livre *Vingt ans et après*, présentent brièvement la traduction de ce fragment-là, qui a remporté le titre *L'anti-cul*. Ils lui situent à l'intersection de deux séries qui traversent la production foucauldienne et ont une singulière importance résistancielle dans la contemporanéité : la série de la politique de l'anonymat et la série de la critique de l'identité sexuelle.*

*Mots-clés: Foucault, Voeltzel, l'anonymat, la sexualité, les plaisirs.*

AMARAL E SILVA, Eder; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; DIAS, Rosimeri de Oliveira (2018). É preciso se desembaraçar do sexo – Notas introdutórias a uma conversa entre Michel Foucault e Thierry Voeltzel. *Revista Ecopolítica*, São Paulo, n. 22, set-dez, pp. 55-65.

Recebido em 27 de setembro de 2018. Confirmado para publicação em 23 de novembro de 2018.

*Quanto a ser responsável ou irresponsável, não conhecemos esses termos, são noções de polícia ou de psiquiatria forense.*

Gilles Deleuze e Félix Guattari, Entrevista sobre *O Anti-Édipo*, 1972.

Por que motivo nos ocupamos em traduzir, hoje, um fragmento, originalmente intitulado *Les plaisirs* [Os prazeres], do livro *Vingt ans et après* [literalmente, “Vinte anos e depois”] (Voeltzel, 1978), cuja publicação primeira data de 41 anos atrás?

Decerto não ignoramos as repercussões da segunda edição, publicada em 2014, à qual Thierry Voeltzel, ‘nome de autor’ a que o livro permanece associado, acrescenta um posfácio<sup>1</sup> denominado *Letzlove* – anagrama de seu sobrenome, inventado por Michel Foucault – e rememora as circunstâncias que propiciaram o diálogo entre ambos, ou melhor, sua amizade (Voeltzel, 2014).

Tampouco desconhecemos que tal diálogo, datado de 1976, entre o então jovem Thierry e “um homem mais velho” – conforme afirma, discreto, Claude Mauriac, espécie de mentor da publicação de 1978 – pôde dar lugar, há cerca de dois anos, a uma peça teatral de sucesso – algo que seria difícil de imaginar ao final dos anos 1970, por mais que a criação da FHAR (Frente Homossexual de Ação Revolucionária) e um certo número da revista *Recherches*, “Três bilhões de perversos: grande enciclopédia das homossexualidades” (Hocquenghem; Cressole; Querrien, 1973), entre outras iniciativas, já tivessem abalado o solo hegemonicamente heterocentrado e/ou homofóbico, se acolhermos termos um tanto anacrônicos, da França de então.

---

<sup>1</sup> Antes disso, em entrevista concedida a Philippe Artières sob o título “Recordações de viagem” (ARTIÈRES et al., 2011), Thierry Voeltzel tinha se pronunciado sobre o modo como conhecera o filósofo, bem como acerca das reportagens realizadas no Irã, momento em que o acompanhou.

Se essas razões não devem ser totalmente descartadas, talvez o que mais nos mova seja o fato de ver no livro e, principalmente, no fragmento que traduzimos – de forma um tanto “traidora”, como *O anti-cu* –, o cruzamento entre duas séries de textos que atravessam a produção de Michel Foucault e nos interessam de maneira singular: a série da *política do anonimato* e a série da *crítica da sexualidade-identidade*.

Sendo assim, e sem pretensões de exaustividade, cumpre assinalar que *O anti-cu* (ou, melhor dizendo, todo o livro *Vingt ans et après*) se insere, no que tange ao exercício do anonimato<sup>2</sup> como ferramenta nas lutas políticas contemporâneas, como o primeiro de uma sequência de trabalhos<sup>3</sup> que inclui: *Lutas em torno das prisões* (1979); *O filósofo mascarado* (1980) e *Foucault* (1984).

## Um riso anônimo

Na mesa redonda de 1979, publicada na revista *Esprit* (cujo editor, Paul Thibaud, havia acusado o filósofo de não propor reforma do sistema prisional francês no âmbito da sua atuação no Grupo de Informação sobre as Prisões – G.I.P.), Foucault adota jocosamente o pseudônimo Louis Appert – com isso evocando Benjamin Appert<sup>4</sup>, filantropo que, no século XIX, publicara memórias de prisioneiros. Seu *duplo disfarçado* recorda uma ocasião em que Jean Genet seria conduzido ao Palácio da Justiça ou à *Santé*: “quiseram prendê-lo junto com um comunista que se recusou dizendo: ‘Com um ladrão, não!’” (Foucault, 2012:

---

<sup>2</sup> Sobre a problematização e o uso político do anonimato por Foucault, ver Bordeleau, 2018.

<sup>3</sup> Os trabalhos de Foucault em que a análise crítica da função autoria é explicitamente formulada são, em especial, *O que é um autor?* (conferência de 1969), *A arqueologia do saber* (livro de 1969) e *A ordem do discurso* (aula inaugural no *Collège de France*, de 1970). Na série que estabelecemos no corpo do texto, contudo, privilegiamos os trabalhos que exibem o *uso* político-estratégico do anonimato.

<sup>4</sup> Ver, de Benjamin Appert, *Bagnes, prisons et criminels*. Paris: Guilbert, 1836.

139). Lembrança que passaria por anedótica, não fosse o ensejo da sua evocação: com ela, Foucault-Appert não apenas circunstancia o debate sobre o *status* político do aprisionamento, tema candente naqueles anos 1970, mas também pretende se desvencilhar das capturas moralistas em torno do “bom” e do “mau” prisioneiro, quando o inquietante não é, nem de longe, a procedência dos presos – “É preciso formular o problema não do regime político nas prisões, mas do que vem a ser o regime das prisões” (Foucault, 2012: 139). Na sequência, o filantropo tornado filósofo dirá que é preciso adotar, a respeito destes grandes problemas, uma atitude que se oriente aquém das grandiloquências, pela “pequena questão deflacionista” que consiste em interrogar: *o que é isso a que chamamos prisão?* Foucault encontra na argúcia do pseudônimo uma maneira de resvalar as demandas por responsabilidade intelectual por parte de um movimento, o G.I.P., cuja consistência era dada, do seu ponto de vista, pelo caráter “coletivo e anônimo”. O estratagema foucaultiano não é apenas o de deflacionar o debate moral sobre a prisão, mas igualmente o de interromper o jogo interminável das responsabilizações e julgamentos bem pensantes, como o do editor de *Esprit*.

No texto citado em seguida, uma entrevista concedida a *Le Monde* em 1980, Foucault exige permanecer anônimo – o segredo é preservado até sua morte – para que seu discurso escape às ordenações hierarquizantes, e já então muito midiáticas, promovidas pela “função autor”. Advertindo que “o nome é uma facilidade”, o *filósofo mascarado* propõe, já de saída, uma brincadeira em tudo foucaultiana, o *ano sem nome*: “durante um ano, os livros seriam editados sem o nome do autor. Os críticos teriam que se virar com uma produção inteiramente anônima. Mas devo estar sonhando, pois talvez eles nada tivessem a dizer: então, todos os autores esperariam o ano seguinte para publicar seus livros” (Foucault, 2005: 300). Zombeteiro, seu convite não vem troçar de ninguém em especial, pois se destina a qualquer um:

Se escolhi o anonimato, não é então para criticar esse ou aquele, coisa que nunca faço. É uma maneira de me dirigir mais diretamente ao eventual leitor, o único personagem que me interessa aqui: “Já que você não sabe quem eu sou, você não terá a tentação de procurar os motivos pelos quais digo o que você lê; permita-se dizer a você mesmo simplesmente: é verdadeiro, é falso. Gosto disso ou não gosto daquilo. Um ponto, é tudo” (Foucault, 2005: 301).

Por fim, no terceiro trabalho, sob o pseudônimo Maurice Florence (M.F.), Foucault escreve, para o *Dictionnaire des philosophes*, de Denis Huisman, o verbete sobre... Michel Foucault!<sup>5</sup> Leitor de Borges e propagador dos seus expedientes, Maurice Florence expõe, num verbete cristalino, as ideias cruciais daquele que teria inventado uma “História crítica do pensamento”, dentre as quais encontramos, redobradamente, a graça de um aceno, como quando Florence se detém sobre os *jogos de verdade*: “ou seja, não a descoberta das coisas verdadeiras, mas as regras segundo as quais, a respeito de certas coisas, aquilo que um sujeito pode dizer decorre da questão do verdadeiro e do falso” (Foucault, 2004a: 235).

Traço comum desses três ditos-escritos de Foucault, o humor atrelado ao anonimato não é mera recorrência. Senão como procedimento, ao menos para escapar ao perigo de uma vida inteira sob o peso de um único semblante.

## Das sexualidades aos regimes de prazer

Pelo lado da crítica da sexualidade como possível vetor de liberdade<sup>6</sup>,

---

<sup>5</sup> Em português, esses três textos podem ser encontrados, respectivamente, em FOUCAULT, 2012; 2005; 2004a.

<sup>6</sup> O livro de Foucault em que tal crítica ocupa o foco da problematização é, decerto, *História da sexualidade I — a vontade de saber*, lançado em 1976 (mesmo ano do diálogo com Thierry Voeltzel). A série que estabelecemos, porém, privilegia análises específicas, contemporâneas, do disciplinamento-controle exercido pelo dispositivo da sexualidade, o que leva Foucault a explorar temas como as drogas (e as *boas* drogas a inventar), as comunidades e modos de vida *gay*, a amizade, a subcultura sado-masoquista, as reinvenções do corpo e dos prazeres, as identidades-jogo, os movimentos sociais etc.

por sua vez, e novamente renunciando a tudo mencionar, teríamos uma série mais longa, da qual *O anti-cu*, neste caso mais especificamente do que a totalidade de *Vingt ans et après*, é também uma das primeiras produções, a saber: *Sade, sargento do sexo* (1975)<sup>7</sup>; *Não ao sexo-rei* (1977)<sup>8</sup>; *Entrevista ao jornal Rouge*<sup>9</sup> (1977); *O saber gay* (1978)<sup>10</sup>; *A lei do pudor* (1979)<sup>11</sup>; *O verdadeiro sexo* (1980)<sup>12</sup>; *Da amizade como modo de vida* (1981)<sup>13</sup>; *Entrevista com Michel Foucault* (1982)<sup>14</sup>; *O triunfo social do prazer sexual: uma conversa com Michel Foucault* (1982)<sup>15</sup>; *Escolha sexual, ato sexual* (1982)<sup>16</sup>; *Uma entrevista com Michel Foucault* (1983)<sup>17</sup>; *Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política de identidade* (1984)<sup>18</sup>.

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida à revista *Cinématographe* (Foucault, 2001).

<sup>8</sup> Entrevista a Bernard Henri-Lévy para *Le Nouvel Observateur* (Foucault, 1979).

<sup>9</sup> Entrevista a quatro militantes da Liga Comunista Revolucionária (LCR), membros da seção cultural do jornal trotskista Rouge (Foucault, 1977)

<sup>10</sup> Entrevista a Jean Le Bitoux (Foucault, 2015).

<sup>11</sup> Diálogo com J. Danet, P. Hahn e G. Hocquenghem, publicado em *Recherches* n. 37, “Fous d’enfance”, abr. 1979 (Foucault, 2014a).

<sup>12</sup> Publicado na revista *Arcadie* n. 323, nov./1980 (Foucault, 2004b), e também como apresentação à edição norte-americana de *Herculine Barbin, o diário de um hermafrodita* (Foucault, 1982).

<sup>13</sup> Conversa com R. de Ceccaty, J. Danet e J. Le Bitoux, publicada em *Le Gai Pied* n. 25, abr.1981 (Foucault, 2010).

<sup>14</sup> Entrevista sobre o livro de K. J. Dover (*Greek homosexuality*, 1978), traduzido ao francês (*Homosexualité grecque*) em 1982 (Foucault, 2014b).

<sup>15</sup> Entrevista nos Estados Unidos, publicada em *Cristopher Street* vol. 6, n. 4, mai.1982 (Foucault, 2004c).

<sup>16</sup> Entrevista nos Estados Unidos, publicada em *Salmagundi*, n. 58-59, outono/inverno 1982 (Foucault, 2014c).

<sup>17</sup> Entrevista com Stephen Riggins, realizada em Toronto, publicada em *Ethos*, vol. 1, outono 1983 (Foucault, 2004d).

<sup>18</sup> Entrevista em Toronto, realizada em 1982 e publicada em *The Advocate*, ago. 1984. (Foucault, 2004e).

Sendo a lista extensa, arriscamos apenas algumas observações analíticas. Os trabalhos se concentram, como é visível, nos anos 1980 e, notadamente, em entrevistas concedidas nos Estados Unidos e no Canadá. As duas últimas mencionadas, ambas realizadas em Toronto, foram traduzidas para o português pela primeira vez na revista *Verve* (Foucault, 2004d; 2004e), por Wanderson Flor do Nascimento. Delas extraímos três trechos referentes à sexualidade-identidade e à possibilidade (ou melhor, à deseabilidade) de livrar-se dela:

... se por ética você entende a relação que o indivíduo tem consigo mesmo, quando age, então eu diria que ela tende a ser uma ética, ou ao menos mostrar isso que poderia ser uma ética do comportamento sexual. Essa seria uma ética não dominada pelo problema da verdade profunda que rege a realidade de nossa vida sexual. Penso que a relação que devemos ter conosco, quando fazemos amor, é uma ética do prazer, da intensificação do prazer (Foucault, 2004d: 256-257).

A sexualidade faz parte de nossa conduta. [...] A liberdade é algo que nós mesmos criamos – ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, por meio deles, instauram-se novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; é a possibilidade de aceder a uma vida criativa (Foucault, 2004e: 260).

Nós não devemos descobrir que somos homossexuais. [...] nós devemos, antes, criar um modo de vida gay. Um *tornar-se* gay. [...] Eu penso que deveríamos compreender a sexualidade num outro sentido: o mundo considera que a sexualidade constitui o segredo da vida cultural criadora; ela é mais um processo que se inscreve na necessidade, para nós hoje, de criar uma nova vida cultural, sob a condução de nossas escolhas sexuais (Foucault, 2004e: 261).

A entrevista “O saber gay”, cuja primeira tradução para o português foi publicada em *Ecopolítica* (Foucault, 2015), por sua parte, destinava-



se inicialmente ao primeiro número do periódico *Le gai pied*, editado, desde 1978, por Jean Le Bitoux; porém o próprio Foucault preferiu substituí-la por outro texto. Interessa-nos menos o motivo dessa decisão<sup>19</sup> do que o fato de a entrevista conter uma espécie de resposta às notas que Deleuze enviara a Foucault, em 1977, após a publicação de *História da sexualidade I — a vontade de saber*. Ali, Deleuze criticava a noção de prazer, privilegiada por Foucault, por nela ver uma espécie de “parada” ou “interrupção” dos fluxos, das conexões, dos processos (Deleuze, 1996: 21-23). A esse respeito, afirma Foucault na entrevista concedida a Le Bitoux:

Eu diria esquematicamente que a medicina e a psicanálise se serviram muito dessa noção de desejo, precisamente como uma espécie de instrumento para a inteligibilidade, para a padronização em termos de normalidade, conseqüentemente, de um prazer sexual: dize-me qual é teu desejo e te direi quem és [...] e, em conseqüência, poderei desqualificar teu prazer ou, ao contrário, requalificá-lo.[...] Ao passo que me parece que ao utilizar a palavra prazer, que no limite não quer dizer nada, que está ainda suficientemente vazia de conteúdo e virgem de utilização possível, não tomando por prazer, afinal, senão um acontecimento, um acontecimento que se produz, e que se produz, diria eu, fora do sujeito, ou no limite do sujeito, ou entre dois sujeitos, nessa coisa qualquer que não é nem do corpo nem da alma, nem exterior nem interior, quem sabe teríamos, ao procurar refletir sobre essa noção de prazer, um meio de evitar toda a armadura psicológica e médica que a noção tradicional de desejo carregava? (Foucault, 2015: 7-8).

Mas é provável que o momento de maior radicalidade, por parte de Foucault, na recusa de qualquer direcionamento libertário ligado à sexualidade esteja na entrevista de 1977 à revista trotskista *Rouge*, mantida inédita até 2011, quando Christian Laval a fez divulgar na

---

<sup>19</sup> O debate sobre os motivos de Foucault pode ser visto em Halperin, 2011.

Internet<sup>20</sup>. Ali, abordando as lutas que caracterizavam os anos pós-1968 como reivindicações de formas de existência diferentes, de relações sociais outras, de novas escolhas de vida, Foucault afirma:

...isso é muito claro nos círculos homossexuais californianos que eu conheço e onde a homossexualidade, em sua caracterização sexual, é o elemento de partida de toda uma forma cultural e social de pertencimentos, de ligações, de afetos, de vidas em grupo, de vínculos, etc. e finalmente descobrimos prazeres, corpos, relações físicas e outras que são *não sexuais, metassexuais, parassexuais* (Foucault, 1977 – grifos nossos)..

Na linha de análise que delineamos, *O anti-cu* constituiria uma espécie de cruzamento, de dobradiça articuladora das duas séries apontadas: o exercício do anonimato (com o humor crítico a ele invariavelmente associado) e a recusa da sexualidade-identidade (mediante um desprendimento do corpo-desejo em favor dos corpos-prazer).

Esta breve apresentação do fragmento selecionado de *Vingt ans et après* não deve prolongar-se, no entanto, sob pena de começar a prefaciá-lo o diálogo entre Michel e Thierry, atenuando desastrosamente, mediante tal ordenador discursivo, o que esse diálogo possa ter, para o eventual leitor, de acontecimento, perigo, abalo. Embora correndo esse risco, queremos ainda frisar, contudo, o quanto modos de vida “anonimamente amicais”, se assim ousamos apelidá-los, trazem de imprescindível caráter resistencial a um presente de arremedos fascistóides e controles bio-ecopolíticos como o que vivemos.

Foi esse, ao menos, o efeito que o texto teve sobre nós e que gostaríamos, conseqüentemente, de partilhar/multiplicar mediante sua tradução.

---

<sup>20</sup> A partir do final dos anos 1980, uma gravação esteve disponível nos arquivos Foucault do IMEC, em Caen. Alguns extratos foram também divulgados via France Culture.

## Referências bibliográficas

- ARTIÈRES, Philippe; BERT, Jean-François; GROS, Frédéric; REVEL, Judith (orgs) (2011). **Foucault**. Paris: L'Herne.
- BORDELEAU, Éric (2018). **Foucault anonimato**. Buenos Aires: Cactus.
- DELEUZE, Gilles. Entrevista sobre O Anti-Édipo (com Félix Guattari, 1972) (1992). In: **Conversações, 1972-1990**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, pp. 23-36.
- \_\_\_\_\_. (1996). Desejo e prazer. **Cadernos de Subjetividade**, número especial Deleuze, jun. 1996, p. 13-25.
- FOUCAULT, Michel (1977). Entretien inédit entre Michel Foucault et quatre militants de la LCR, membres de la rubrique culturelle du journal quotidien *Rouge*, juillet 1977. Disponível em: <https://questionmarx.typepad.fr/files/entretien-avec-michel-foucault-1.pdf>, Acessado em: 8/5/2019)].
- \_\_\_\_\_. (1977/1979). Não ao sexo-rei. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, pp. 229-242.
- \_\_\_\_\_. (1982). O verdadeiro sexo. In: **Herculine Barbin. O diário de um hermafrodita**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, pp. 1-9.
- \_\_\_\_\_. (1975/2001). Sade, sargento do sexo. In: **Ditos e Escritos**, vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 366-370.
- \_\_\_\_\_. (1984/2004a). In: **Ditos e Escritos**, vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 234-239.
- \_\_\_\_\_. (1980/2004b). O verdadeiro sexo. In: **Ditos e Escritos**, vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 82-91.
- \_\_\_\_\_. (1982/2004c). O triunfo social do prazer sexual. In: **Ditos e Escritos**, vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 119-125.
- \_\_\_\_\_. (1982/2004d). Uma entrevista com Michel Foucault. **Verve** n. 5, pp. 240-259.
- \_\_\_\_\_. (1982/2004e). Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **Verve** n. 5, pp. 260-277.
- \_\_\_\_\_. (1980/2005). O filósofo mascarado. In: **Ditos e Escritos**, vol. II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 299-306.
- \_\_\_\_\_. (1981/2010). A amizade como modo de vida. In: **Ditos e Escritos**, vol. VI. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 348-353.
- \_\_\_\_\_. (1979/2012). Lutas em torno das prisões. In: **Ditos e Escritos**, vol. VIII. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 137-150.
- \_\_\_\_\_. (1979/2014a). A lei do pudor. In: **Ditos e Escritos**, vol. IX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 88-103.
- \_\_\_\_\_. (1977/2014b). Entrevista com M. Foucault. In: **Ditos e Escritos**, vol. IX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 13-34.
- \_\_\_\_\_. (2014c). Escolha sexual, ato sexual. In: **Ditos e Escritos**, vol. IX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp.156-173.
- \_\_\_\_\_. (2015). O saber gay. **Ecopolítica** n. 11, jan-abr 2015, pp. 2-27.
- HOCQUENGHEM, Guy. CRESSOLE, Michel; QUERRIEN, Anne (orgs.) (1973). *Trois Milliards de Pervers: grande encyclopédie des homosexualités. Recherches*, n. 12. Paris: Centre d'Études, de Recherches et de Formation Institutionnelles – CERFI.
- HALPERIN, David (2011). Michel Foucault, Jean Le Bitoux and the Gay Science lost and found: an introduction. **Critical Inquiry**, n. 37, spring 2011. pp. 371-380.
- VOELTZEL, Thierry (1978). **Vingt ans et après**. Paris: Grasset.
- \_\_\_\_\_. (2014). **Vingt ans et après**. Paris: Verticales.